
**A INFLUÊNCIA DA CULTURA OCEÂNICA NA LITERATURA
BRASILEIRA: UM ESTUDO DO LIVRO “MAR MORTO” DE JORGE
AMADO**

Estudante(s): Ana Vitória Melo (125015246@gabarito.email), Manuella Teodoro Valim
(121009086@gabarito.email), Ana Beatriz Antunes da Silva
(121009048@gabarito.email)

Orientador(es): Alisson Júnio Parreira Peixoto (alisson.parreira@gabarito.pro.br);
Danusa Radi Gomes Santiago (danusa.santiago@gabarito.pro.br)

Coorientador(es): Cirlandia Rouseline Almeida Costa
(coordenacao16.rondon@gabarito.g12.br), Leonardo Batista Neto
(leonardo.neto@gabarito.pro.br); Yane Yasmin Carvalho Gomes
(coordenacao6.rondon@gabarito.g12.br)

Escola: Gabarito Educação

Resumo

Este projeto investigou as intrincadas relações entre a cultura oceânica, a literatura brasileira e a cosmovisão afro-brasileira, tomando o romance "Mar Morto" (1936), de Jorge Amado, como eixo central. A proposta transcendeu uma leitura meramente ambiental ou regionalista para adentrar o âmago da resistência cultural negra, manifesta na sacralização do mar como território de Iemanjá e no protagonismo incontestado de suas personagens femininas. Através de uma metodologia que combinou análise literária, pesquisa de campo e ações educativas, o estudo demonstrou como a narrativa operou como um dispositivo de preservação da memória e dos saberes tradicionais. O projeto posicionou-se, assim, como um instrumento de valorização da cultura afrodescendente, evidenciando como a literatura pôde servir como um potente ponto de partida para a desconstrução de estereótipos, para a promoção de uma educação antirracista e para a conscientização ambiental a partir de uma perspectiva colonial, que reconheceu a inseparabilidade entre a proteção da natureza e a valorização dos saberes ancestrais.

Palavras-chave: Cultura Oceânica; Literatura Brasileira; Jorge Amado; Mar Morto; Cultura Afro-Brasileira; Iemanjá; Protagonismo Feminino; Saberes Tradicionais.

Introdução e justificativa

A formação da identidade brasileira foi profundamente marcada pelo Oceano Atlântico, não apenas como via de chegada forçada de milhões de africanos escravizados, mas também como cenário de resistência e ressignificação cultural. Nesse contexto, a cultura oceânica no Brasil constituiu-se, em grande medida, como um legado africano, um complexo sistema de saberes, práticas e crenças que transformou o litoral em um espaço sagrado e comunitário. Jorge Amado, em "Mar Morto", capturou essa essência com maestria, oferecendo muito mais que um retrato social; ele construiu uma narrativa impregnada de axé, onde o mar se tornou personagem divina e as mulheres emergiram como as fiadoras do mundo.

Justificou-se este projeto pela necessidade premente de se combater o apagamento histórico da contribuição africana à sociedade brasileira e de se valorizar a força da mulher negra, duplamente invisibilizada pelo racismo e pelo patriarcado. "Mar Morto" serviu como um portal para esse universo, permitindo analisar como tradições religiosas como o Candomblé estruturaram visões de mundo e formas de organização social resilientes. A escolha do tema representou, portanto, um posicionamento político-pedagógico. Partiu-se do princípio de que a literatura, enquanto expressão máxima da cultura, mostrou-se um veículo privilegiado para a educação das relações étnico-raciais, conforme determinou a Lei 10.639/03. Ao investigar as conexões entre a obra, a cultura oceânica afro-brasileira e os desafios contemporâneos, este projeto almejou contribuir para a formação de cidadãos mais críticos, conscientes de sua história e comprometidos com a construção de uma sociedade verdadeiramente justa e equânime, que enxergou na preservação ambiental um ato de reverência aos territórios sagrados dessas comunidades.

Objetivos

Objetivo

Geral

Investigou-se a representação literária da cultura oceânica em "Mar Morto", de Jorge Amado, com foco na valorização da cosmovisão afro-brasileira, no protagonismo feminino e na potencialidade da obra como ferramenta educacional para a promoção da igualdade étnico-racial e da sustentabilidade.

Objetivos Específicos

Os objetivos específicos que orientaram esta investigação foram delineados para garantir uma abordagem profunda e multifacetada. Primeiramente, propusemo-nos a analisar a figura do mar na obra, destacando sua dimensão sagrada como domínio de Iemanjá, com o fim de contrastar esta visão espiritual e cultural com as perspectivas meramente economicistas ou paisagísticas que frequentemente reduziram o oceano a um mero recurso ou cenário. Paralelamente, examinamos o protagonismo e a complexidade das personagens femininas — notadamente Lívia, Rosa Palmeirão e a própria Iemanjá — interpretando-as como arquétipos fundamentais de resistência, sabedoria e força ancestral, que sustentaram a narrativa e a comunidade retratada. Um eixo central do projeto consistiu em mapear e dialogar ativamente com os saberes tradicionais de comunidades litorâneas e terreiros de Candomblé, buscando compreender em profundidade a relação prática e espiritual que estas mantinham com o oceano. A partir dos conhecimentos gerados, nosso compromisso foi desenvolver e aplicar sequências didáticas que utilizaram "Mar Morto" como base para discussões interdisciplinares no ambiente escolar, abordando cultura afro-brasileira, racismo ambiental e empoderamento feminino. Por fim, para amplificar o alcance deste trabalho, objetivamos produzir e disseminar materiais educativos diversos que efetivamente ligaram a obra literária às lutas atuais por reconhecimento, território e justiça ambiental travadas pelas comunidades tradicionais de matriz africana.

Metodologia

Para garantir uma abordagem robusta que dialogasse com a complexidade da obra e com a realidade contemporânea, a metodologia deste projeto foi estruturada em quatro eixos interligados, partindo da literatura para a ação social.

O primeiro eixo consistiu em uma Pesquisa Bibliográfica e Análise Crítica do romance "Mar Morto". Iremos além da leitura literária, cruzando o texto de Jorge Amado com teóricos da cultura afro-brasileira, como Muniz Sodré, Leda Maria Martins e Nei Lopes. A análise focou em como a narrativa mitificou o mar, transformando-o de um simples cenário no reino sagrado de Iemanjá, e como essa representação contrastou com a visão utilitária que prevalece hoje, que enxerga o oceano principalmente como uma fonte de recursos econômicos. Investigamos como as personagens femininas – a doce e resiliente Lívia, a forte e independente Rosa Palmeirão e a própria Iemanjá – foram arquétipos de resistência que ecoaram as lutas atuais das mulheres negras por visibilidade e autonomia. Este estudo permitiu compreender como Amado

literaturizou a cosmovisão do Candomblé, criando um poderoso registro da resistência cultural africana no Brasil.

O segundo eixo, a Pesquisa de Campo e Escuta Ativa, foi profundamente inspirado por uma visita técnica preliminar do professor orientador a uma comunidade quilombola na região de Paraty. Nessa ocasião, foi notável observar como, mesmo em um território de reconhecida ancestralidade negra, as expressões religiosas de matriz africana, como o Candomblé, não estavam mais presentes na esfera pública, tendo sido suplantadas pela predominância das religiões católica e evangélica. Esse fenômeno de apagamento cultural, infelizmente comum em muitas comunidades, reforçou a urgência do nosso trabalho. Para contrapor essa invisibilidade, realizamos visitas a comunidades pesqueiras e, com todo o respeito e autorização necessários, a terreiros de Candomblé em regiões costeiras onde essa tradição se manteve viva. Através de entrevistas e rodas de conversa, buscamos registrar os saberes dos mais velhos e das mais velhas – verdadeiros arquivos vivos –, bem como de Ialorixás e outras lideranças, sobre sua relação espiritual e prática com o mar. Buscamos entender como a degradação ambiental atual – a poluição das águas, a pesca predatória – não foi apenas uma questão ecológica, mas uma profanação de um território sagrado, afetando diretamente a sobrevivência de seus rituais e tradições.

O terceiro eixo foi a Intervenção Educativa e Produção de Conhecimento, onde transformamos os insights da pesquisa em ação concreta. Ministramos oficinas em escolas públicas, utilizando "Mar Morto" como ponto de partida para discutir, de forma interdisciplinar, a riqueza da cultura afro-brasileira, o conceito de racismo ambiental – que atingiu desproporcionalmente essas comunidades – e o empoderamento feminino. Os estudantes foram convidados a criar releituras contemporâneas da obra, produzindo textos, vídeos ou obras de arte que conectaram a luta de Livia e a força de Rosa Palmeirão com os desafios que viram em suas próprias realidades.

Por fim, no eixo de Sistematização e Divulgação, consolidamos todo o conhecimento gerado em produtos tangíveis e acessíveis. Estes incluíram um documentário em curta-metragem que deu voz aos depoimentos coletados; uma cartilha educativa ilustrada para professores, com sugestões de aulas que ligaram a obra às leis 10.639/03 e 11.645/08; e uma exposição fotográfica e textual que narrou visualmente a jornada do projeto, da literatura à realidade, destacando a importância de se preservar os saberes tradicionais como forma de resistência cultural e ambiental no Brasil de hoje.

Resultados e Discussão

A execução deste projeto permitiu a obtenção de resultados significativos que foram objeto de uma discussão aprofundada ao longo do processo de investigação. Em primeiro lugar, consolidou-se uma releitura crítica de "Mar Morto", que o reposicionou para além de seu estatuto regionalista, estabelecendo-o como um testemunho literário da resistência cultural afro-brasileira. A análise demonstrou que a lenda do "guia da balança", núcleo da narrativa, operou como uma poderosa metáfora da própria diáspora africana: uma travessia marcada pela violência e pela desterritorialização que, através da força da cosmovisão iorubá, se transmutou em um legado de proteção e orientação para as gerações subsequentes. Discutiui-se como o mar na obra de Amado não se restringiu a um elemento cênico, mas se constituiu em uma entidade viva e divinizada, cuja simbologia se opôs radicalmente à visão utilitarista e exploratória que caracterizou a modernidade ocidental.

No que tange ao protagonismo feminino, a investigação verticalizou a análise das personagens, revelando um tríptico complexo da mulher negra e mestiça. Iemanjá foi compreendida em sua plenitude como a Senhora da Criação, a mãe coletiva que rege os ciclos da vida e o princípio organizador (axé) do universo narrativo. Lívia personificou a força da ancestralidade presente no cotidiano, representando a estabilidade, o cuidado e a resiliência silenciosa da mulher que sustenta a comunidade em terra. Já Rosa Palmeirão emergiu como a expressão da autonomia corporal e econômica, desafiando os padrões patriarcais da época através de sua sexualidade sem amarras e de sua coragem que rivalizava com a dos homens. A discussão evidenciou que estas figuras, em sua pluralidade, formaram um quadro completo das estratégias de agência e sobrevivência feminina.

A pesquisa de campo, complementada pela observação inicial no quilombo de Paraty, trouxe à tona a conexão visceral entre a degradação ambiental e o apagamento cultural. Os depoimentos coletados junto a mestres de saberes, pescadores e lideranças de terreiros ilustraram como a poluição das águas, a especulação imobiliária e a pesca industrial não representaram meros problemas ecológicos, mas sim a profanação de um território sagrado. Identificou-se neste processo um claro caso de racismo ambiental, onde comunidades tradicionalmente vinculadas a esses ecossistemas foram as mais impactadas pela destruição, que ameaçou tanto seus meios de subsistência quanto a integridade de suas práticas rituais. A

ausência de manifestações públicas do Candomblé na comunidade visitada em Paraty foi interpretada como um sintoma desse processo histórico de supressão cultural.

O eixo da intervenção educativa gerou resultados mensuráveis por meio da aplicação de oficinas em escolas públicas. A análise das produções dos estudantes e a aplicação de questionários de percepção revelaram um aumento significativo na compreensão e no apreço pela cultura afro-brasileira. As releituras contemporâneas da obra produzidas pelos alunos demonstraram uma assimilação crítica dos temas, conectando a luta de Livia e a força de Rosa Palmeirão a desafios atuais, como o combate ao machismo e a valorização da identidade negra. Este resultado reforçou a tese central do projeto sobre a potência da literatura como ferramenta pedagógica para a implementação das leis 10.639/03 e 11.645/08.

Por fim, a sistematização de todo o conhecimento em um documentário, uma cartilha educativa e uma exposição fotográfica mostrou-se eficaz na amplificação do alcance do projeto. Estes produtos não apenas documentaram a jornada de investigação, mas também se tornaram ferramentas autônomas de divulgação, permitindo que as vozes das comunidades tradicionais e a análise crítica da obra de Amado alcançassem um público mais amplo, fomentando um debate necessário sobre justiça social, preservação cultural e sustentabilidade.

Conclusões

Ao final desta jornada de investigação, que partiu das páginas de "Mar Morto" para alcançar os cais contemporâneos de resistência cultural, conclui-se que a obra de Jorge Amado não é apenas um monumento literário, mas um projeto de Brasil. O romance se revela uma cartografia viva do Atlântico Negro brasileiro, mapeando não só as coordenadas geográficas da Bahia, mas principalmente as rotas de fuga e sobrevivência cultural que a diáspora africana teceu em nosso litoral. O maior insight que emerge deste estudo é a compreensão de que a sacralização do mar pelo Candomblé constitui uma epistemologia radical – um modo de conhecer e habitar o mundo que inverte a lógica colonial de exploração para estabelecer uma ética de cuidado e reciprocidade com a natureza.

As águas de Iemanjá, portanto, não são apenas um território mitológico, mas um paradigma civilizatório alternativo. Enquanto a modernidade ocidental vê oceanos a serem dominados e recursos a serem extraídos, a cosmovisão afro-brasileira nos ensina que o mar é um sujeito de direitos, uma entidade viva com quem mantemos relações de parentesco

espiritual. Esta percepção se mostra não como um resquício folclórico, mas como uma tecnologia social avanadíssima para o século XXI – talvez uma das mais urgentes e necessárias em tempos de crise climática e colapso ecológico.

O protagonismo feminino que estrutura "Mar Morto" – de Iemanjá à Lívia, da força terrena de Rosa Palmeirão à sabedoria das ialorixás entrevistadas – nos revela que a salvação ambiental está intrinsecamente ligada à libertação das mulheres negras. Elas foram, e continuam sendo, as guardiãs desses saberes ancestrais que podem nos reconectar com o princípio básico da existência: o cuidado. Se hoje enfrentamos crises que ameaçam a vida no planeta, é precisamente porque desprezamos esses modos de saber-fazer-sentir que sempre entenderam que não há sustentabilidade possível sem comunidade, nem futuro sem ancestralidade.

Este projeto demonstrou, na prática, que a literatura pode ser muito mais que objeto de estudo – pode ser um instrumento de reparação histórica. Ao levar "Mar Morto" para as escolas, para as comunidades, para o debate público, não estamos apenas ensinando sobre um livro, mas devolvendo ao povo negro uma parte de sua memória que o racismo tentou apagar. Estamos mostrando que a cultura afro-brasileira não é um apêndice em nossa formação nacional, mas o próprio centro de uma possível redenção.

Que este trabalho sirva como um farol – assim como os "guias da balança" do romance de Amado – para iluminar os caminhos de uma educação que não apenas inclua, mas se transforme pelas epistemologias africanas. Que a herança de Iemanjá nos guie na construção de um Brasil que finalmente se reconheça no rosto de suas matriarcas, na sabedoria de seus terreiros e na imensidão sagrada de seus mares. Pois, como ensina o povo de santo, o axé que flui pelas águas é o mesmo que pode regenerar nossa nação – desde que saibamos honrar essa fonte.

Referências

- AMADO, Jorge. Mar Morto. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- MARTINS, Leda Maria. Performances do Tempo Espiral. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.
- NASCIMENTO, Abdias do. O Genocídio do Negro Brasileiro. São Paulo: Perspectiva, 2016.
- PRANDI, Reginaldo. Mitologia dos Orixás. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. A Cruel Pedagogia do Vírus. Coimbra: Almedina, 2020.

SODRÉ, Muniz. O Terreiro e a Cidade: A Formação Social Negro-Brasileira. Petrópolis: Vozes, 2018.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira".